

# “Moradas Provisórias”: A História do Tempo Presente entre o objeto e a periodização.

Enviado em:  
21/10/2012

Aprovado em:  
23/11/2012

**Riler Barbosa Scarpati**

Mestrando em História pela UFOP  
riler.scarpati@hotmail.com

---

No presente a mente, o corpo é diferente  
E o passado é uma roupa que não nos serve mais.

Canção *Velha Roupa Colorida* (Belchior)

## Resumo

Este artigo procura historicizar a categoria “História do Tempo Presente” para mostrar de que modo ela foi praticada desde a Antiguidade até seu “ressurgimento” na segunda metade do século XX. Esse intuito tem como mote a ideia de que ao longo do tempo, a História do Tempo Presente, iniciada em fins do século XX, é tratada ora como objeto de estudo pelo historiador, ora como período da História dos seres humanos. Nessa dupla dinâmica é que se dão o seu desenvolvimento e os principais debates atuais.

## Palavras-Chave

História. Tempo Presente, Temporalidade.

## Abstract

This article seeks to historicize the category “History of Present Time” to show that as it was practiced since antiquity until its “resurgence” in the second half of the twentieth century. This order has the motto the idea that over time, the History of the Present Time started in the late twentieth century is now treated as an object of study by the historian or as time in history of humans. In this dynamic duo is that it gives its development and key current debates.

## Keywords

History. Present Time. Temporality.

## Introdução

*Histoire Du temps présent*, *Contemporary history*, *Zeitgeschichte* são alguns dos nomes pelos quais em diversos países da Europa a chamada História do Tempo Presente é conhecida. Sua cronologia também varia de acordo com a especificidade de cada nação: em 1978 a criação do *Institute de histoire Du temps présent* (IHTP) marca o início no contexto francês; o início do século XX no caso do mundo anglo-saxão; nos Estados Unidos teve início em 1917; e em 1945 na Alemanha.<sup>1</sup>

Tantos nomes, tantas especificidades, mas a mesma prática. É ponto praticamente consensual que a História do Tempo Presente (HTP) não teve suas primeiras aparições no século XX. Como bem mostrou Arnaldo Momigliano, o próprio Heródoto começou a escrever história e ampliou a abrangência de sua crítica ao exame tanto daquilo que era muito antigo quanto do que era recente, e tanto do que era grego quanto do que era estrangeiro (MOMIGLIANO, 2004). Essa constatação de Momigliano só demonstra como, ao longo dos séculos, o exame do “presente” foi sofrendo diversas modificações, ora sendo encarado como possível de ser conhecido, ora sendo desvalorizado.

A História do Tempo Presente que tentaremos fazer referência aqui teve seu “ressurgimento<sup>2</sup>” na segunda metade do século XX. Ela deve ser pensada em um duplo movimento com características específicas, apesar de ambos estarem ligados ao fim da II Guerra Mundial: o primeiro (no pós-guerra imediato) é marcado pela ênfase na história política tradicional, e o segundo é compreendido no contexto da renovação pela qual a disciplina histórica passava já a partir dos anos 1970. (FICO, 2012, p. 70; CHAUVEAU & TÉTARD, 1999, p. 9). Sendo assim, o foco de nossa discussão insere-se nesse último movimento iniciado nas últimas décadas do século XX.

Tentaremos evidenciar nas linhas abaixo que a História do Tempo Presente, afetada por essa renovação dos métodos da disciplina histórica, tem sido entendida e praticada sobre um duplo viés: ora tratada como objeto, ora tratada como período da História. Diante dessa constatação e como fim dessa introdução, acreditamos na necessidade de uma discussão que leve em conta a questão da temporalidade, das relações entre passado, presente e futuro que cada época e cada sociedade tomaram como sendo decisivas em sua constituição, e também sobre a problemática da periodização para o trabalho do Historiador.

---

1 ROUSSO, H. Sobre a história do tempo presente: uma entrevista com Henry Rousso. Jan./Jun. 2009. Florianópolis: *Tempo e Argumento*. Entrevista concedida a Sílvia Arend e Fábio Macedo.

2 Usa-se aqui a palavra ressurgimento entre aspas porque não é ponto consensual entre os historiadores atuais que todos os historiadores do século XIX desconsideravam o tempo presente. Ranke, a quem se deve grande parte da chamada busca por objetividade em História, teve uma relação complexa com o presente como será demonstrado mais abaixo.

## História da História do Tempo Presente

No já citado livro de Arnaldo Momigliano, o autor faz um apanhado bastante consistente de como a historiografia moderna se apropriou de algumas categorias clássicas em sua constituição. Para ele, há uma incompreensão de como a historiografia clássica se constituiu, em parte por que generalizaram-se, de maneira equivocada, alguns princípios dessa tradição: vaga noção do que seria a mente grega, a ideia de que todos acreditavam em uma história cíclica, noção de que a história cristã era superior às outras, tudo isso baseado na concepção de que os gregos eram a-históricos. Momigliano nos diz ainda que herdamos dos gregos a separação entre fatos e fantasias. Com Heródoto, valorizava-se mais a documentação frente a determinadas teorias, surgindo daí um problema: a cronologia. O problema era que no mundo antigo a oralidade predominava e os documentos escritos eram bastante escassos, necessitando da solução encontrada pelo historiador de Halicarnasso de usar testemunhos vivos, que presenciaram os acontecimentos para escrever sua história.

De Tucídides, ainda na esteira de Momigliano, veio a crítica mais contundente ao estilo de Heródoto e que perdurou por muitos séculos. Para Tucídides, Heródoto não se responsabilizava por todas as histórias que contava. Além do mais, a história e a vida para Tucídides eram essencialmente políticas e sua concepção de tempo era linear, isto é, não havia corte radical entre presente e passado, eles se constituem num fluxo único, expressam uma continuidade. Dessa forma ele valorizava o “presente”, pois dele se pode obter informações mais precisas. (MOMIGLIANO, 2004).

Heródoto e Tucídides revelam-se como perspectivas diferentes de dois dos historiadores mais importantes do mundo antigo, que contribuíram decisivamente para a constituição de alguns traços da historiografia moderna. Falemos então dessa constituição da historiografia moderna no século XIX como campo de estudos autônomos, para que possamos entender como a questão do presente foi tratada por ela. A historiografia moderna se constituiu tendo como bases a ideia de que a história é um processo, a separação entre sujeito e objeto e a crítica dos documentos e das fontes. Junto a isso, a dimensão narrativa da história foi sendo deixada de lado em busca de uma objetividade absoluta. Frente a essa tentativa de objetividade, o estudo do presente não podia ser consolidado porque, principalmente após a segunda metade do século XIX, os relatos orais foram desqualificados (FICO, 2012; FERREIRA, 2000).

Um dos nomes mais conhecidos a quem se atribui essa interdição quanto ao estudo do presente é o de Leopold Von Ranke. Como já dito, a história vivia o dilema de ter de se afirmar como ciência objetiva, de forma a expulsar toda a subjetividade de seu campo de atuação. Entretanto, essa questão do “presente” em Ranke merece e deve ser em parte matizada. Apesar de todo esse panorama de pretensa objetividade e abandono do conhecimento do presente pelo historiador, concordamos com Carlos Fico quando diz que o historiador alemão é lembrado por sua empreitada em favor de uma história que fosse objetiva e cientificamente possível, mas que na sua concepção de história o presente tinha importância considerável. (FICO, 2012, p. 86)

No início do século XX, também havia uma reflexão sobre a natureza do tempo. Naquela época muito se discutia, em diferentes lugares, sobre uma possível aceleração do tempo que estaria em curso, sobretudo no campo da literatura e das ciências naturais. Apesar de tudo isso, o presente continuava uma noção obscura (MATA & PEREIRA, 2012: 10-13).

Ainda no século XX, com a Escola dos Annales, notadamente durante a primeira e a segunda gerações, o presente como objeto de estudo continuou sendo uma questão marginal. Não que não houvesse as salutares exceções, mas o imediato adquiria lugar específico. O que de fato ocorria era um desequilíbrio entre estudos que focavam o período medieval e a época moderna (muito mais numerosos) e os estudos do presente (menos numerosos), também compartilhados por sociólogos, politólogos e jornalistas (Op. Cit., p. 10-11)

### Temporalidade e Tempo Presente

Devemos a Reinhart Koselleck uma importante reflexão sobre o tempo histórico. Para ele, a grande questão era “Que é o tempo histórico?” (KOSELLECK, 2006, p.13), constituindo-se numa das mais difíceis perguntas a serem respondidas pelo historiador. Para o historiador alemão, entre os séculos XV e XVIII a Europa assistiu a passagem de um conceito antigo de História para o Moderno e nesse intervalo se constituiu algo como o tempo histórico, marcado pela experiência peculiar de aceleração do tempo que caracteriza a nossa modernidade (KOSELLECK, 2006, p. 16).

O conceito antigo revelaria uma história que contém múltiplas experiências alheias e da qual nos apropriamos para fins pedagógicos. Essa história *Magistra Vitae*, fórmula que devemos a Cícero, remete a uma possibilidade ininterrupta de compreensão prévia das possibilidades humanas num *continuum* histórico de validade geral. O futuro já estava inscrito no passado e desse passado bastava apenas procurar exemplos qualificantes para a nossa ação. A história podia conduzir ao constante aperfeiçoamento moral ou intelectual de seus contemporâneos (KOSELLECK, 2006, p. 42-43).

Já o conceito moderno de História surge com o esvaziamento do *topos* antigo. Essa nova relação entre passado, presente e futuro que caracteriza a aceleração<sup>3</sup> moderna é ancorada na ideia de separação cada vez maior entre passado e futuro, ou entre experiência e expectativa. Forjado na cultura das Luzes, esse novo conceito articula três esferas de questões: os fatos ocorridos, a sua narrativa e seu conhecimento científico (GUIMARÃES, 2006, p. 69). Dá-se, dessa maneira, um processo de singularização da história; diferentes tempos e períodos de experiência, possíveis de alternância, tomaram o lugar outrora reservado ao

---

3 É preciso ter em mente que Koselleck, num outro texto, diz que na modernidade existe uma dupla aceleração: a primeira aceleração que se dá em tempos de crise na vida político-institucional e a segunda que acontece por conta do progresso técnico-industrial e que pode ser registrada como a experiência de um novo tempo. KOSELLECK, Reinhart. “Is there an acceleration of history?” In: ROSA, Hartmut; SCHEUERMAN, William (eds.) *High-speed society. Social acceleration, power, and modernity*. University Park: Pennsylvania University Press, 2009, p. 127.

passado entendido como exemplo. O futuro abre-se como um horizonte de possibilidades e expectativas até então não pensadas (GUIMARÃES, 2006, p. 49-53).

Essa temporalização da história entre os séculos XV e XVIII, descrita por Koselleck, na qual temos o futuro como horizonte de expectativa e o passado como espaço de experiência, nos leva a questionar onde se encaixa o “presente”. Como já dito, devemos pensar que a própria categoria “presente” possui uma compreensão diferenciada ao longo do tempo. No momento atual, marcado pela centralidade da História do Tempo Presente, a questão fundamental de uma definição mais sofisticada do que é o “presente” se coloca na ordem do dia.

Paul Ricoeur, ao analisar a obra de Husserl *Lições para uma fenomenologia da consciência íntima do tempo*, diz que este autor declarava a consciência do tempo como sendo íntima. Trata-se “do tempo imanente do curso da consciência” (HUSSERL Apud. RICOEUR, 2007, p. 120). Essa imanência do tempo não se dá através de uma redução do tempo objetivo, exterior ao sujeito e que de um modo geral as pessoas consideram como compartilhado intersubjetivamente. A consciência íntima do tempo é fechada sobre si mesma e a compreensão dessa passagem do tempo pela consciência só se dá quando ele já é passado. Em suas palavras

trata-se de saber se esse tempo sentido é suscetível de ser apreendido e dito sem empréstimo ao tempo objetivo, em particular no que diz respeito à simultaneidade, à sucessão e ao sentido da distância temporal (...) Husserl pensa evitar essas dificuldades ao assumir, para a consciência íntima do tempo, verdades a priori aderentes às ‘apreensões’ (*Auffassungen*), elas próprias inerentes ao tempo sentido. (Idem. Ibidem, p.121)

68

Levado às últimas consequências, o “presente”, para Husserl, se constitui em um momento fugidivo, um fluxo constante que é impossível definir ao certo. Ademais, a reflexão sobre esse “presente”, da mesma forma, seria inviável. Entretanto, também sabemos que existe certa diferença entre algo pretérito e algo passado. Mata & Pereira, ao analisarem a obra do alemão Hermann Lubbe, dizem que “O filósofo entende o ‘presente’ como ‘aquele conjunto de experiências que não se tornaram ainda uma alteridade para nós’. (...) O simples fato de algo ser pretérito para nós não basta para que o consideremos ‘passado’”. (Op. Cit., p.15) Para o filósofo alemão, viveríamos no momento atual uma contração do presente (LUBBE, 2009). Essa situação do presente tem como índice o aumento considerável do número de museus nas últimas décadas. Em suas palavras, “O que são, então, os museus? Visto desta perspectiva, os museus não são mais do que necrotérios de relíquias civilizacionais. (tradução nossa)” (Ibidem, p. 161) Os museus constituem este ponto em que a dinâmica civilizacional, cada vez mais acelerada, busca “museificação” de tudo que já não serve mais, ou seja, é uma forma de compensação que nossas sociedades encontraram frente à aceleração do tempo.

Hans Ulrich Gumbrecht possui visão diferente sobre a dinâmica do presente.

Para o crítico literário americano, viveríamos um momento de alargamento ou dilatação do presente (GUMBRECHT, 2010). Ele constata, ao analisar a cena Parisiense das últimas décadas, que as pessoas, apesar de toda a crítica feita a esses autores, ainda continuam a ler Foucault, Derrida e Pierre Bourdieu. Mas qual a relação entre a constante leitura desses autores e o alargamento do presente? Para Gumbrecht, essa incessante repetição das leituras de autores que criticaram o historicismo seria um índice de como nosso presente se dilata cada vez mais, de como vivemos enclausurados pelo passado, daí surgindo a ideia de que hoje é praticamente impossível deixarmos o passado para trás. Com a dilatação do presente, o autor diz que não está se referindo a uma transformação no plano da descrição fenomenológica e nem a algo parecido a um “ritmo constante de transformação das coisas no tempo”, mas “a possibilidade de que com o tempo se concretize a promessa contida por um discurso proferido empiricamente (tradução nossa)” (Ibidem, p. 44-45) A preocupação de Gumbrecht, portanto, está na sensação de que os elementos e estruturas fundamentais do mundo contemporâneo se transformem hoje mais vagarosamente que até a pouco tempo atrás (Idem.).

Algumas críticas têm sido feitas a essa matriz de pensamento. Sérgio da Mata e Mateus Pereira, no artigo supracitado, nos dizem que Gumbrecht tem pouca base empírica para sustentar tão gigantescas afirmações e complementam

Será possível subscrever a ideia de que vivemos hoje um tempo “mais lento” depois da crise que ameaçou pôr abaixo a economia mundial, depois da Primavera Árabe e depois da crise do Euro? Tais eventos são “história” ou tratar-se-á de mera espuma, destinada a desfazer-se em breve? Tudo depende do campo da vida social sobre o qual centramos nosso interesse, e ainda de qual sociedade, e até de qual estamento se está a falar. A aceleração não há de afetar a tudo e a todos com a mesma intensidade, e o mesmo se pode dizer das eventuais desacelerações. Caso não queira se tornar refém de ilusões, o olhar deve tornar-se mais dialético. (Op. Cit.,16)

69

Além do mais, poderíamos nos indagar se essa afirmação não vale apenas para um ambiente intelectual como o parisiense.

Também devemos a François Hartog importante reflexão sobre o presente. Em seu livro *Régimes d'historicité* e em outros artigos, ele defende que viveríamos um presente onipresente, que ele nomeia presentismo. O momento atual, notadamente pós-1989, seria marcado pela emergência de um novo regime de historicidade, que em suas palavras significa

‘Regime de historicidade’, escrevamos então, começar a citação daqui: podia se compreender de duas formas. Em uma acepção restrita, é como uma sociedade trata seu passado. Em uma acepção ampla, regime de historicidade serviria para designar “a modalidade de consciência de uma comunidade humana” (HARTOG, 2006, p. 263).

Para ele, um dos índices dessa nova relação da sociedade atual com o tempo,

marcada pela centralidade do presente e que delinear a crise da ordem do tempo seria a emergência da questão do patrimônio. “Índice da crise dos tempos, o patrimônio contemporâneo pode ser compreendido também como uma marca clara, mais de uma, deste presentismo, nosso, o aparecimento do qual este livro está atado?” (HARTOG, 2003, p. 163). Essa forma de temporalização do tempo de Hartog e o modo como ele pensa a articulação entre passado, presente e futuro também não ficaram imunes à crítica.

Como questionaram Sérgio da Mata e Mateus Pereira, o diagnóstico de Hartog se aplicaria ao caso brasileiro? Para responder a essa pergunta eles recorrem ao livro *Agenda Brasileira*, de Botelho e Schwarcz. Nessa obra, Mata & Pereira afirmam que não conseguiram perceber elementos que possam comprovar que no presente brasileiro há uma crise com relação às perspectivas de futuro. Isso tanto seria verdade, que a própria legitimação do trabalho social da história e do historiador que na França estaria em crise (presentismo explica a perda de legitimidade social da história), no Brasil encontra-se em expansão ou em alta. (Op. Cit., 22 et seq.)

### **A História do Tempo Presente: entre o objeto de estudo e a periodização**

Após esse debate mais apurado em torno da questão do presente, pretendemos mostrar como a História do Tempo Presente constituída nas últimas décadas oscila seu próprio entendimento entre um novo objeto de estudo e um novo período da história. Para tal empreitada é preciso que identifiquemos, por um lado, alguns pressupostos em que ela se baseia; notadamente a centralidade que a questão da memória adquiriu e também a pressão que os testemunhos ou coetâneos exercem na escrita da história, e, por outro, uma breve reflexão sobre o que significa a periodização para o historiador.

Começamos pela memória. Henry Rousso afirma que a memória foi um dos principais fenômenos sociais que a História do Tempo Presente encontrou (ROUSSO, 2009, p. 207). Existe uma longa tradição Ocidental de pensar a memória do ponto de vista individual. Para Ricoeur, esse fato se deve a três traços: a memória parece ser singular, são minhas as lembranças e não suas; o vínculo original da consciência com o passado reside na memória (alteridade) e, por fim, a memória representa a orientação da passagem do tempo (passado ao futuro e vice-versa).

Desde Platão -“representação presente de uma coisa ausente”-, e Aristóteles - “a memória é do passado”-, (ARISTÓTELES Apud. RICOEUR, 2007, p. 27 et seq.) essa problemática já estava colocada. Ao longo dos séculos, outros autores importantes se debruçaram sobre a questão. Com Santo Agostinho, temos a memória feliz, atingida na busca de Deus. Com John Locke, já sem a influência de Aristóteles e Platão, há a proposta de uma equação entre a identidade, o si e a memória, mas não no sentido transcendental do sujeito kantiano e neo-kantiano. Finalmente, com o já mencionado Husserl, e a memória se torna uma forma de compreensão do tempo. (Ibidem, p. 107-129).

Posteriormente, Maurice Halbwachs faz a transposição da memória

individual à memória coletiva, de grupos ou de uma sociedade. Na esteira do pensamento de Durkheim, ele procura entender de que forma a memória de grupos ou da sociedade é estruturada, quais são os seus poderes de coesão e de criação de identidade entre as pessoas (HALBWACHS, 2006).

Mas, definitivamente, coube a Paul Ricoeur estabelecer um marco importante nos estudos sobre a memória, bem como em suas relações com a história. Para o filósofo francês, a memória coletiva é o solo de enraizamento de toda a historiografia. (Ibidem, p. 83). Com sua abordagem fenomenológica da memória, ele a eleva a outro patamar na historiografia, não apenas como objeto da história (NORA, 1984) ou como um campo de disputa social marcado pelo não dito (POLLAK, 1989), mas como condição de existência e base da própria historiografia. Mas note-se que a emergência da questão da memória se espalha em duas vertentes, ora como objeto de estudo ora como período da história em que ela exerceria papel crucial.

Da mesma forma acontece com a pressão dos testemunhos ou coetâneos e sua coação pela verdade. A importância que ela exerce na História do Tempo Presente é notável. Essa pressão possui dois lados: no primeiro, devido ao caráter de perda de exclusividade dos arquivos, o historiador se vê obrigado a recorrer a outras fontes, notadamente às chamadas fontes orais. O método histórico foi estendido à crítica dos depoimentos e essas testemunhas cobram respostas (REMOND, 2006, p. 206; FERREIRA, 2000); no segundo, o historiador se vê na eminência de dar sua opinião a respeito das causas dos eventos em curso. Ele é impelido por essa demanda social em busca da opinião de um perito em relação ao transcurso da história humana (FICO, 2012; REMOND, 2006, p. 206-208; BÉDARIDA, 2006, p. 227).

Por fim, para melhor esclarecer nosso argumento de que a História do Tempo Presente praticada nas últimas décadas se encontra na interseção entre objeto de estudo e de um novo período da história, devemos abordar a questão da periodização. Mateus Pereira, em seu livro *A máquina da memória: o tempo presente entre a história e o jornalismo*, faz interessante análise sobre a periodização. Para ele, toda periodização é uma construção social e deve, sempre que possível, ser matizada, pois comporta vantagens e desvantagens que não devemos desconsiderar. (PEREIRA, 2009, p. 164) Para Carlos Fico, a História do Tempo Presente atual não é uma especialidade voltada somente para assuntos do século XX, mas um novo período histórico que irá superar o tempo de nossas vidas atuais e se prolongar pelo século XXI adentro (Op.Cit., p.67).

## Conclusão

A renovação do campo historiográfico a partir dos anos 1970 teve várias consequências. A centralidade da memória na escrita da história atual, principalmente no que diz respeito à historiografia sobre o Tempo Presente e a pressão exercida pelos testemunhos, que buscam um entendimento sobre as mudanças na sociedade caracterizam a emergência de um novo objeto de estudo na visão de alguns autores que têm se dedicado ao estudo de tempos mais recentes

na história humana. Por outro lado, devido a essas duas novidades, alguns autores têm dito que se trata de um novo período da história humana, que superará em muito a atual geração de historiadores. Frente a essa dupla interpretação, a História do Tempo Presente assiste a um crescimento do número de estudos que a utilizam como objeto de estudo bem como proliferam debates teóricos sobre sua natureza (vertente na qual este texto se inclui).

Dessa forma, procurei mostrar que na constituição e entendimento da História do Tempo Presente sempre houve essa dupla dinâmica, essa dupla fronteira em que ora ela foi entendida como objeto de estudo ora como período da História. São essas as duas “moradas provisórias”, na expressão de Santo Agostinho, da História do Tempo Presente.

### Referências Bibliográficas

BÉDARIDA, François. Tempo presente e presença da história. In: FERREIRA, M.M. e AMADO, J. *Usos e abusos da história oral*. RJ: Editora FGV, 2006, p.219-229.

72 CHAUVEAU, Agnès, TÉTARD, P. (orgs.) *Questões para a história do presente*. Tradução Ilka Steir Cohen. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

FERREIRA, Marieta de Moraes. “História do tempo presente: desafios”. *Cultura Vozes*, Petrópolis, v.94, nº 3, p.111-124, maio/jun., 2000.

FICO, Carlos. História que temos vivido. In: VARELLA, F. F. (Org.) ... (et al.). *Tempo presente e usos do passado*. Rio de Janeiro. Ed. FGV, 2012. P.67-100.

FICO, Carlos. “História do tempo presente, eventos traumáticos e documentos sensíveis: o caso brasileiro”. In: *Varia História*, vol. 28, nº 47, Belo Horizonte: Jan./Jun. 2012. (no prelo).

GUIMARÃES, M.L.S. Entre as Luzes e o Romantismo: as tensões na escrita da História no Brasil Oitocentista. In: HARTOG, François. (org.)... (et al.). *Estudos sobre a escrita da história*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Sete Letras, 2006, v.1, p.68-85.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. El presente se dilata cada vez más. In: *Lento presente: sintomatología del nuevo tiempo histórico*. Madrid: Escolar y Mayo, 2010. P.41-69.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

HARTOG, François. Patrimoine et présent In: *Régimes d'historicité*. Paris : Éditions du Seuil, 2003, p.163-206.

HARTOG, François. “Tempo e Patrimônio”. In: *Varia História*. Belo Horizonte, Vol.22, nº36, Jul/Dez. 2006, p.261-273.

KOSELLECK, R. *Futuro passado*: Contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

KOSELLECK, Reinhart. Is there an acceleration of history? In: ROSA, Hartmut; SCHEUERMAN, William (eds.) *High-speed society. Social acceleration, power, and modernity*. University Park: Pennsylvania University Press, 2009, p. 113-134.

LÜBBE, Hermann. The contraction of the present In: ROSA, Hartmut; SCHEUERMAN, William (eds.) *High-speed society. Social acceleration, power, and modernity*. University Park: Pennsylvania University Press, 2009, p. 159-178.

MOMIGLIANO, Arnaldo. A tradição herodoteana e tucidideana In: *As raízes clássicas da historiografia moderna*. Tradução Maria Beatriz Florenzano. Bauru, SP: Edusc, 2004. P. 53-83.

NORA, Pierre. “Entre memória e história: a problemática dos lugares”. *Projeto História*. São Paulo: PUC-SP. Nº 10, p. 7-15. 1993.

PEREIRA, Mateus. H. F. “A história do tempo presente: do futurismo ao presentismo?” In: *Humanidades* (Brasília), v. 58, 2011, p. 56-65.

PEREIRA, M. H. F. & MATA, S. Transformações da experiência do tempo e pluralização do presente. In: VARELLA, F. F. (Org.) ... (et al.). *Tempo presente e usos do passado*. Rio de Janeiro. Ed. FGV, 2012. P.9-30.

PEREIRA, M.H.F. *A máquina da memória*: o tempo presente entre a história e o jornalismo. Bauru, SP: EDUSC, 2009, P.133-169.

POLLAK, Michael. “Memória, esquecimento e silêncio”. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol.2 nº3, 1989, p.3-15.

REMOND, René. Algumas questões de alcance geral à guisa de introdução. In: FERREIRA, M.M. e AMADO, J. *Usos e abusos da história oral*. RJ: Editora FGV, 2006, p.203-209.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história e o esquecimento*. Tradução Alain François. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

ROUSSO, H. “Sobre a história do tempo presente: uma entrevista com Henry Rousso”. Jan./Jun. 2009. Florianópolis: *Tempo e Argumento*. Entrevista concedida a Sílvia Arend e Fábio Macedo.